

PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA: UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Vivian Rafaela Holz¹
Natani Bierhals With²
Marta Nörnberg³
Marcia Lorena Saurin Martinez⁴

RESUMO

Este trabalho apresenta uma prática de experimentação pedagógica desenvolvida em uma turma de pré-escola 1, no município de Pelotas/RS, vinculada à disciplina de Prática Orientada V, do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Pelotas. Este relato de experiência tem como objetivos: compreender como a atividade de leitura de histórias favorece o desenvolvimento das relações interpessoais na Educação Infantil, refletindo sobre possíveis relações entre a teoria estudada ao longo do curso de Pedagogia, com a prática vivenciada na escola. Autores como Cosson (2006) e Gomes (2010) foram destaques para este estudo, uma vez que, sinalizam compreensões e estratégias para desenvolver a leitura na prática educativa para o planejamento da prática desenvolvida, além dos estudos desses autores, fez-se a leitura das diretrizes da Base Nacional Comum Curricular, priorizando seus direitos de aprendizagem. Essa experimentação nos mostra que, por meio da leitura literária, é possível acolher o interesse das crianças e ajudá-las a conectarem-se de forma natural com os livros. A prática também nos leva a refletir sobre a flexibilidade do planejamento docente, a valorização do pensar livre das crianças e a criação de um ambiente de aprendizagem mais ativo e acolhedor. O processo de leitura na Educação Infantil precisa ser organizado como um momento prazeroso e significativo, a fim de despertar nas crianças a paixão pela leitura e pela literatura.

Palavras-chave: Formação de Professores, Educação Infantil, Prática Pedagógica, Práticas de Leitura.

INTRODUÇÃO

Este relato baseia-se na experiência de desenvolvimento de um planejamento e prática educativa realizada com uma turma de pré-escola 1, em uma escola no município de Pelotas/RS.

¹Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, vivianholz26@gmail.com;

²Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, natanibwith@gmail.com;

³Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, martanornberg0@gmail.com;

⁴Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, marcialoren@hotmail.com.



Essa prática faz parte das atividades curriculares do componente curricular Prática Orientada V (POV): organização e planejamento da docência na Educação Infantil, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL. A POV é ministrada pelo coletivo de docentes responsáveis pelas atividades acadêmicas do quinto semestre. A POV é uma disciplina do novo currículo do curso de Pedagogia, que tem o objetivo de estudar aspectos que sustentam a docência e as práticas educativas na educação infantil, realizando atividades de observação e análise de práticas relacionadas ao planejamento do Protocolo Orientador.

O presente relato de experiência se propõe a refletir acerca da relação entre a teoria desenvolvida no curso de Pedagogia com a prática que desenvolvemos na escola, visto que a teoria e a prática articulam-se mutuamente ao longo do processo formativo. Desta forma, o objetivo central deste estudo é, por meio da reflexão sobre a relação teoria e prática, buscar compreender como a realização da contação de uma história infantil influencia nas relações interpessoais das crianças.

A literatura como prática pedagógica potencializa o desenvolvimento do pensamento crítico, socialização e criatividade por parte de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Explorar a literatura infantil, por meio da contação de história, também permite a construção de um espaço interdisciplinar, pois, ao contar uma determinada história, com personagens e seus contextos, promove-se uma articulação de diferentes realidades e saberes que as crianças trazem consigo.

Cabe destacar que trabalhar a literatura na Educação Infantil torna-se essencial para o desenvolvimento da oralidade, da criatividade e da escrita, construindo momentos de aprendizagem prazerosa e atrativa às crianças, permitindo sua movimentação e expressão livre no ambiente escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Contar histórias no ambiente escolar da Educação Infantil é uma prática educativa e interativa, que fortalece o vínculo do educador com as crianças e desperta o imaginário das crianças, tornando-as atentas ao que escutam, pois, a partir do que ouvem, vivenciam emoções, constroem significados, imaginam e recriam novas histórias com seus personagens e contextos.



Entretanto, desenvolver a imaginação e criação passa pela oralidade de quem conta e pela escuta de quem recebe a história e, “[...] para as crianças que ainda não leem, ouvir a narrativa pressupõe um primeiro nível de leitura, em que o ouvinte, conhecendo o enredo da história, passa a imaginar as cenas, as personagens e os detalhes específicos de cada um. (Silveira, 2012. p.169).

Desta forma, os envolvidos com a ação de contar e escutar a história desenvolvem a interpretação do texto da forma como percebem a realidade que o cerca, descobrindo outros contextos e realidades que se complementam. Isso nos leva a acreditar que, ao utilizar a contação de história, esta pode tornar-se uma estratégia para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, um instrumento para a construção de conhecimentos. E, com isso, desenvolve-se também a interação sócio-cultural da criança ao proporcionar esses momentos de construção de laços afetivos entre as crianças. Assim, “a criança recebe influência até em seu desenvolvimento físico-motor, devido à manipulação do corpo e da voz de que faz uso ao ouvir e recontar as histórias” (Bueno e Oliveira, 2011, p.09).

De acordo com Cosson (2014), as atividades de leitura possuem três fases:

“o ato de ler, o compartilhamento e o registro. O primeiro refere-se ao “encontro inalienável do leitor com a obra” que pode ocorrer de forma solitária e de forma coletiva. Já o segundo compreende duas fases – a preparação para a discussão (anotações de impressões sobre o texto) e a discussão propriamente dita (“é o diálogo fundante da leitura”, ou seja, é o debate sobre a obra lida.). A terceira fase refere-se ao registro que é o “momento em que os participantes refletem sobre o modo como estão lendo e o funcionamento do grupo, assim como sobre a obra e a leitura compartilhada”, esses registros podem ocorrer de formas variadas, desde diários de leitura, até fichas de função, bem como atividades performáticas como peças teatrais, sarau etc. que podem ser utilizados como avaliação para os círculos de leitura institucionais, combinados com o recurso da autoavaliação, tendo em vista que a literatura deve ser vista como uma experiência e não como um conteúdo a ser avaliado” (p.168-171).

Na atividade envolvendo a leitura de uma história infantil, procuramos respeitar essas três fases, visto que elas promovem um processo de compreensão dos sentidos vinculados ao texto, de modo a produzir experiências de leitura de maneira satisfatória.

Planejar uma atividade que envolve uma história infantil requer a observação prévia das crianças, constatar as abordagens educativas na qual se pode ser sensível para as



necessidades e desejos das crianças, estimulando um ambiente de aprendizado mais estimulante e acolhedor.

Quando entramos na sala de aula e temos o contato com as crianças, nos deparamos com diversas dificuldades e desafios inesperados, como, por exemplo: a adaptação de uma tal atividade para uma realidade escolar totalmente diferente das demais escolas; de como lidar com comportamentos diversos em uma mesma sala de aula; ou lidar com recursos limitados, pois nem toda escola municipal possui materiais didáticos/literários.

Gomes (2010) menciona que devemos desconstruir essa lógica de literatura como obrigação e não por prazer, e aproveitar o que aquela leitura nos proporciona, que são os detalhes da escrita de cada parágrafo, os sentimentos e pensamentos que vão fluir. Gomes ressalta que devemos introduzir a literatura desde cedo nas escolas para promover habilidades linguísticas e de leitura, estimular a imaginação e o pensamento crítico no leitor.

De acordo com Cosson (2006), a leitura deve passar por quatro processos básicos, que são: a motivação, a introdução, a leitura e a interpretação. A motivação para o processo de leitura satisfatória é uma antecipação, ou seja, significa preparar o aluno para a leitura que se irá realizar. Para Cosson (2006), “as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir” (p. 59). Essa antecipação pode ser realizada a partir de uma questão relacionada à obra a ser lida, sendo esse, o procedimento mais comum, mas não o único. O autor apresenta também uma prática de motivação relacionada à estrutura do gênero literário a ser lido, sendo possível juntar os princípios estruturais do gênero com a temática.

Logo após a motivação, tem-se a introdução, que consiste na apresentação do autor de forma básica, isto é, momento em que se traz informações que tenham relação com o texto e sua obra: “cabe ao professor falar da obra e da sua importância naquele momento, justificando assim sua escolha.” (Cosson, 2006, p. 66). É importante apresentar a obra sem realizar uma síntese da história, deixando para o leitor o prazer de ir “escavando” as camadas que compõem a história por si só.

Em seguida, temos a leitura e, nesta fase, torna-se importante que haja um acompanhamento da mesma, para que o professor consiga identificar e auxiliar o aluno caso ele se depare com alguma dúvida ou dificuldade durante o processo de leitura. Cosson (2006) aponta que, caso o texto a ser lido seja extenso, é recomendado que a leitura seja feita fora da sala de aula e de maneira recorrente, com intervalo de tempo, o professor convida os alunos a exporem os resultados da leitura.



Importante destacar que, ao inserir um determinado livro infantil para realizar a leitura no espaço escolar promove-se a formação de leitores, ou seja, aquelas crianças que receberão a história contada. Desta forma, é fundamental compreender que “é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o

crescimento do leitor por meio da ampliação dos horizontes de leitura” (COSSON, 2006, p. 35). Afinal, quanto mais leituras uma criança escuta e conhece, maior será seu repertório e mais facilmente se amplia a sua competência de lidar com o universo da literatura, que está em fase de construção.

Por fim, o quarto passo é a interpretação, que “parte do entretenimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade” (Cosson, 2006, p. 72). O autor propõe pensá-la em dois momentos: o primeiro momento é o interior, é aquele que parte da decifração das partes que compõem o livro, como as palavras, páginas e capítulos, levando, ao fim da leitura da obra, à apreensão global do texto. O segundo momento é o exterior, quando acontece o compartilhamento das interpretações, ou seja, nos sentimos tocados pela obra lida e compartilhamos nossas impressões, ampliando e fortalecendo a leitura realizada.

METODOLOGIA

As práticas realizadas em uma escola municipal da rede pública de Pelotas/RS aconteceram no ano de 2024, nas segundas feiras, durante o mês de agosto e setembro. Foram realizados três planos de aula e um deles com foco nas discussões deste artigo.

Os planejamentos são baseados nos estudos realizados durante o curso de Pedagogia. Com isso as habilidades que foram utilizadas no planejamento são baseadas na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), sendo as seguintes: demonstrar a empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de agir (EI03EO01); Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação (EI03EO03); Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos (EI03EO04); e, expressar-se livremente por meio do desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais (EI03TS02).

Para o planejamento procuramos alguns direitos de aprendizagem que são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Conforme a BNCC, esses seis direitos:



[...] asseguram, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural.(BNCC, P. 37)

Nosso plano de aula foi organizado da seguinte forma: a aula foi dividida em quatro momentos. O primeiro momento foi destinado a conhecer a turma e compreender o ambiente escolar, percebendo as necessidades das crianças que ali estavam.

No segundo momento, a intenção foi de desenvolver estratégias para motivar a leitura do livro intitulado: Elmer o elefante xadrez. Para a motivação da leitura, planejamos levar duas impressões de um elefante, um colorido e outro preto e branco. Fizemos isto entendendo que levar uma motivação antes da leitura deixaria as crianças mais animadas e interessadas com a leitura do livro.

No terceiro momento, foi realizada a leitura do livro. Após a leitura a ideia era realizar a atividade da “dança das cadeiras”: as classes iriam ser colocadas em círculo, iríamos colocar uma música e as crianças iam dançando e caminhando em volta das classes; assim que a música parasse, eles iriam sentar e continuar o desenho do colega. O desenho podia estar relacionado com a história lida ou não, iria ficar a critério de cada criança, pois a escolha era dela. No final, cada um iria nomear seus desenhos, fazendo um mural com os desenhos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desenvolvimento da atividade envolvendo a contação da história do livro tornou-se uma estratégia para atrair as crianças nas ações realizadas posteriormente. Para isso, a atividade foi baseada nos estudos de Cosson (2006), considerando que a leitura precisa ser uma experiência agradável e prazerosa, que vai permitir que as crianças se conectem com o mundo literário.

Percebemos que muitas crianças permaneciam inquietas no início da aula. Logo, realizamos um breve convite, contextualizando a história antes de contar, fazendo perguntas sobre o que elas achavam do livro e o que iria acontecer com o elefante. Essa mediação fez com que as crianças ficassem mais à vontade e comesçassem a entrar na roda que a gente fez para, a seguir, realizar a leitura.



Os processos de leitura, conforme sugerido por Cosson (2006) foram utilizados no desenvolvimento da atividade. A motivação escolhida foi fazer duas impressões de um elefante colorido xadrez e outro de uma cor só.

Para a introdução da leitura, foram realizadas algumas perguntas: se conheciam o livro; sobre o que o livro iria falar; se já haviam visto elefante xadrez; de como seria um elefante e de qual cor ele poderia ser.

A leitura foi realizada com pausas, sempre mostrando as páginas e fazendo perguntas para que as pudessem interagir com a leitura. Além disso, percebemos que fizemos a escolha certa do livro, pois as crianças desfrutaram com liberdade, sendo uma leitura com mera fruição e não como obrigação para realizar uma atividade fixa.

Antes de aplicar a atividade de interpretação sobre o livro lido, resolvemos falar com a professora para ver se iria funcionar. Ela mencionou que a atividade que tínhamos pensado não iria funcionar muito bem, pois a turma se apegava muito nas próprias coisas que faziam. Como a nossa proposta era de fazer uma dança das cadeiras adaptada com as produções dos desenhos, e como ela nos advertiu de que os alunos não gostam de dividir suas coisas, resolvemos adaptar a atividade e concluímos que não iríamos fazer a dança das cadeiras e, sim, que cada um iria fazer seu desenho. Com isso, fizemos a adaptação da atividade, pedimos que as crianças fizessem um pequeno desenho do que elas quisessem, relacionado ou não com o livro.

Essa prática traz a importância da adaptação e da flexibilidade dos planejamentos, pois nem tudo ocorre como gostaríamos, pois, cada criança tem um ritmo, interesses e formas diferentes de aprendizagem. Por isso o professor deve estar atento às dinâmicas, ajustando as propostas de acordo com as realidades escolares.

Após a nossa prática, a professora relatou que se surpreendeu com a minha leitura dizendo o seguinte: “como você conseguiu ler com eles agitados”. Minha percepção de leitura é que ela deve fluir naturalmente, oportunizando às crianças um espaço de interação com a leitura, e foi isso que aconteceu: alguns em meu colo, outros queriam tocar no livro. Tudo aconteceu naturalmente, quando uma criança queria fazer uma pergunta, era pausada a leitura e a resposta era contada; ou quando eles queriam pegar o livro, a leitura era pausada novamente até decidirem continuar. As pausas da leitura foram importantes, pois promovia a curiosidade e o interesse das crianças pela história, além de construir relações de afeto entre elas e comigo, sua professora.



Desse modo, observa-se a importância de um ambiente bem organizado e de alguma forma livre, promovendo espaços para que as crianças possam se expressar, explorar e construir o seu conhecimento, utilizando a imaginação e a criatividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disciplina Prática Orientada V, integrada no curso de Pedagogia, possibilitou essa relação da teoria e prática que, muitas vezes, não fica demonstrada de forma tão clara. E também

teve um espaço para refletir sobre nossa prática como docente. Além disso, a participação ativa das crianças e o nosso respeito pelas necessidades de cada criança fez com que a atividade fosse um sucesso.

Os autores aqui mencionados e estudados durante o curso foram de extrema importância na nossa prática, pois fortaleceram nossa compreensão sobre o que seria uma boa leitura, e indicaram modos de contar uma história de forma prazerosa e espontânea, chamando o interesse das crianças pela literatura. Isto porque uma contação de histórias não envolve apenas o ato de ler ou ouvir.

Por fim, entendemos que a literatura deve ocupar um lugar especial nas escolas, promovendo o letramento literário e cumprindo seu papel humanizador. Ela também é uma prática social e é responsabilidade da escola encontrar formas de escolarizar a literatura sem descaracterizá-la.

A adaptação da atividade demonstrou a importância de uma boa observação e diálogo com a professora da turma, trazendo assim uma flexibilidade no planejamento e na hora de aplicar a atividade, tornando-se este um processo dinâmico, atento e respeitoso a individualidade de cada criança.

Por meio desta prática, o desenvolvimento da leitura na educação infantil torna-se uma ferramenta para o ensino e aprendizagem no âmbito escolar, destacando o papel do professor como mediador ao respeitar os interesses, escolhas e o tempo de cada criança.

Além disso, o papel do professor é fundamental para a leitura, pois facilita o entendimento da história contada, estimula a imaginação e desenvolve o prazer pela leitura de forma lúdica.

REFERÊNCIAS



BRASIL. Ministério da Educação, **Base Nacional Comum Curricular**.

BUENO, Ana Luiza Menezes; OLIVEIRA, Vandérleia da Silva. **Do Texto Oral ao Texto Escrito**: histórias populares e causos em sala de aula. 2011. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>>. Acesso em: 13 de fev. 2025.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2 edição, 11ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

SILVEIRA, Maria Claurênia Abreu de. Literatura Infantil: Gêneros textuais em mediação de leituras. In: TEIXEIRA, Luciênio de Macedo; DIAS, Plínio Rogenes de França. *Língua, Linguagem e produção de conhecimento na Educação Infantil*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. P.139-182.

GOMES; I. R. **Sobre “por que” e “como” ensinar literatura**. *Nau Literária* VOL. 06, N. 02. 2010.

